

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2014

## O BRONZE FINAL NA SERRA DE SINTRA

### *THE LATE BRONZE AGE AT SINTRA'S MOUNTAIN RANGE*

João Luís Cardoso<sup>1</sup> & Maria João Sousa<sup>2</sup>

#### Abstract

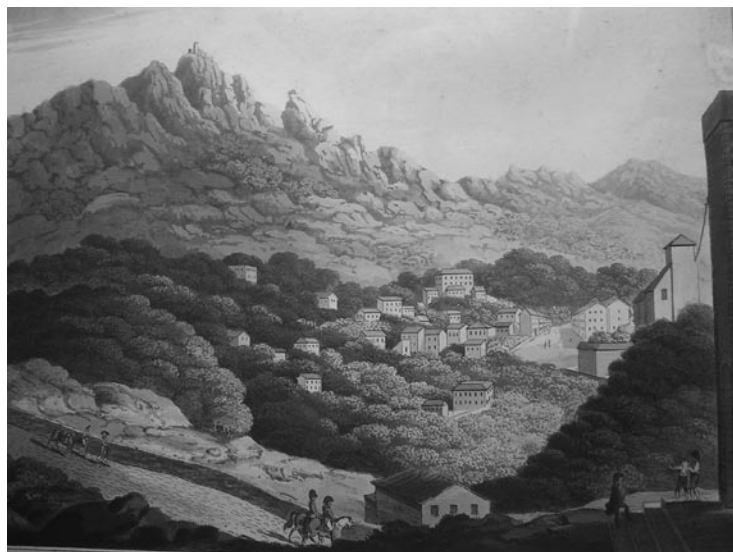
This paper presents and discusses the results, some of them previously published, of two Late Bronze Age sites at the Sintra mountain range, Penha Verde and Castelo dos Mouros. The latter was the object of recent excavations with results that are preliminary published in the present article, namely a recipient whose decoration characteristics are unknown in the Portuguese territory until now, which has affinities with the Western Mediterranean, and a ritual deposition of a vessel, intentionally fragmented, probably related to the sacred connotation of Sintra's mountain range documented since the Chalcolithic.

*Keywords:* Late Bronze Age, ritual deposit, Sintra's sacred mountain range, West Mediterranean affinities.

## 1 - INTRODUÇÃO

A importância arqueológica da serra de Sintra é de há muito conhecida (Fig. 1). No que se refere à sua ocupação pré-histórica, avultam dois locais, a Penha Verde e o castelo dos Mouros (Fig. 2), ambos abrangidos pela "Paisagem Cultural e Natural de Sintra", incluída na lista de Património Mundial (n.º 7 do art.º 15.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro).

O sítio arqueológico conhecido há mais tempo corresponde ao povoado pré-histórico da Penha Verde, objecto de três campanhas de escavações em 1957, 1958 e 1964, as duas primeiras dirigidas por O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski, a terceira por aquele arqueólogo e J. Roche.



**Fig. 1** – Extremidade oriental da serra de Sintra, com a representação do Castelo dos Mouros. Gravura inglesa de William Bradford, de inícios do século XIX (foto e colecção de J. L. Cardoso).

<sup>1</sup>Professor Catedrático da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

<sup>2</sup>Arqueóloga. Parques de Sintra-Monte da Lua SA. maria.sousa@parquesdesintra.pt

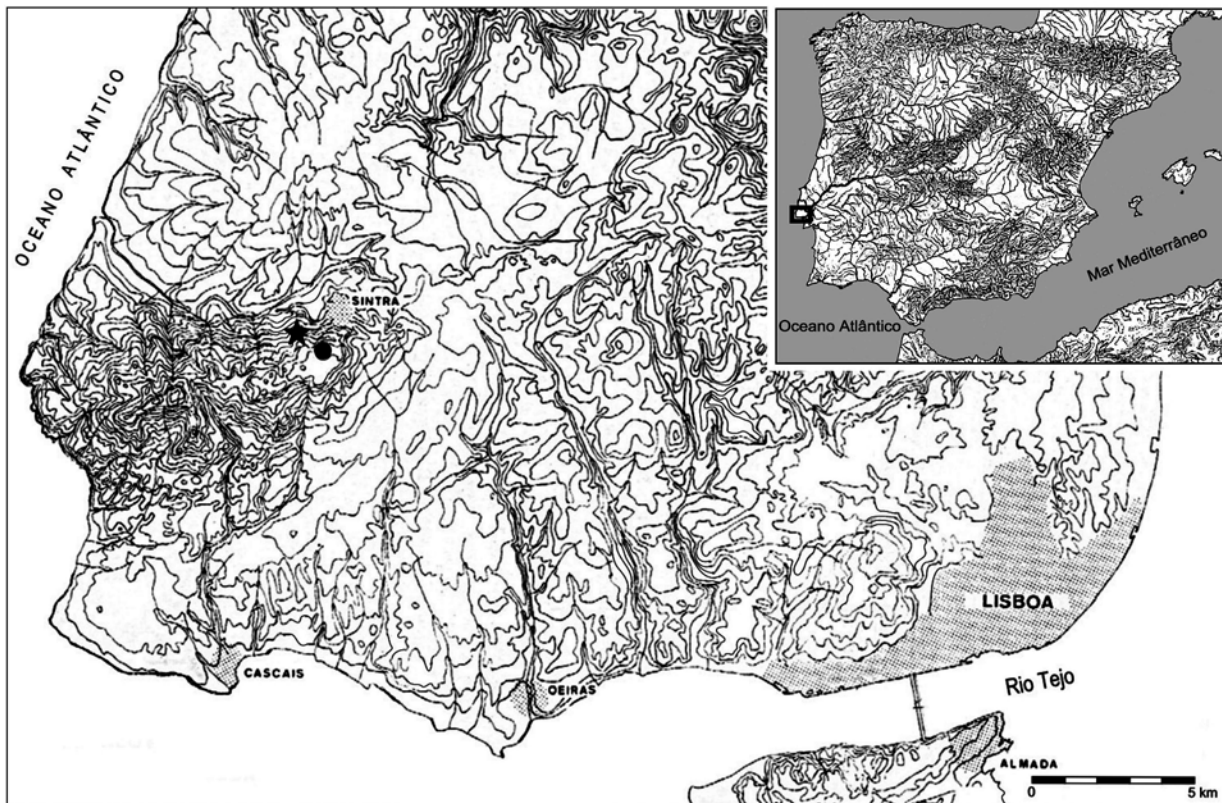


Fig. 2 – A região da Baixa Península de Lisboa, com a localização da Penha Verde (estrela) e do castelo dos Mouros (círculo).

A ocupação calcolítica, correspondente à instalação de um povoado fortificado, foi recentemente caracterizada, com base na revisão da totalidade da colecção exumada nas escavações (CARDOSO, 2010-2011 a). Aquando da revisão dos referidos materiais, reconheceu-se um pequeno conjunto pertencente ao Bronze Final, que até então tinha passado despercebido, o qual também foi já objecto de caracterização (CARDOSO, 2010-2011 b). Ficou assim demonstrada a presença de populações desta época na extremidade oriental da serra de Sintra, juntando-se ao registo arqueológico já conhecido, relativo aos achados efectuados em diversos locais do interior do recinto do castelo dos Mouros, anteriormente publicados (CARDOSO, 1997-1998). As recentes escavações realizadas sob direcção de um de nós no castelo dos Mouros (M. J. S.), no âmbito da valorização daquele monumento, permitiram a identificação de novas ocorrências, as quais estão na origem deste contributo.

## 2 – OS SÍTIOS

### 2.1 – Penha Verde

O povoado pré-histórico da Penha Verde situa-se na célebre Quinta da Penha Verde, que pertenceu, no século XVI, ao notável vice-rei da Índia D. João de Castro. Integrada na encosta setentrional da extremidade oriental da serra de Sintra, corresponde a implantação de altura, aproveitando-se cabeço isolado, culminando à cota de 360 m.

Conforme é referido por O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski, o interesse arqueológico do local foi reconhecido pelos próprios, em 1949, na sequência da colheita superficial de alguns espólios arqueológicos,

comunicados por M. Vaultier. Confirmada a valia da descoberta, a oportunidade de ali se virem a desenvolver trabalhos de escavação surgiu aquando da realização das Primeiras Jornadas Arqueológicas de Sintra, realizadas em 1957 por iniciativa da Câmara Municipal de Sintra, sob a presidência do ilustre arqueólogo Joaquim Fontes. Foram então disponibilizados apoios logísticos mediante a cedência de diversos cantoneiros municipais, acompanhados de suporte financeiro. A esta primeira campanha de escavações, seguiram-se mais duas, igualmente registadas nos Cadernos de Campos de O. da Veiga Ferreira, em 1958 e em 1964, cujos correspondentes trechos se transcreveram na íntegra, em trabalho recentemente publicado (CARDOSO, 2010-2011a).

As escavações permitiram identificar diversas estruturas habitacionais de época calcolítica e um troço de muralha com elas provavelmente relacionada; uma terceira campanha, realizada em 1964, teve por objectivo essencial o reconhecimento de uma ocupação anterior, desde logo correctamente reportada ao Epipaleolítico, a qual foi já objecto de publicação (CARDOSO & FERREIRA, 1992).

As publicações que deram a conhecer o resultado daquelas intervenções, da autoria dos arqueólogos que as dirigiram, são bem conhecidas (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958, 1959), a que se soma a publicação dos resultados obtidos em 1964 (ROCHE & FERREIRA, 1975), que evidenciaram a importância das estruturas e espólios recuperados. Estes foram objecto de estudos específicos, destacando-se o dedicado ao espólio campaniforme decorado, ignorando que este se encontrava indissociavelmente associado a produções lisas e decoradas, não campaniformes (HARRISON, 1977), como aliás é explicitamente referido pelos escavadores no seu primeiro artigo (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958, p. 55).

A cronologia da ocupação calcolítica só recentemente foi devidamente clarificada, com o recurso a análises radiocarbónicas por AMS as quais a situam ao longo de toda a segunda metade do III milénio a.C. (CARDOSO, 2010-2011a). Com efeito, apesar de a Penha Verde ter sido um dos primeiros sítios arqueológicos portugueses a ser datado pelo radiocarbono, persistiam fundadas dúvidas quanto à cronologia da ocupação, devido tanto à natureza da amostragem (carvões), como à correlação da mesma com as duas fases de ocupação da estação.

Outros estudos foram entretanto produzidos, dedicados a exemplares específicos, como é o caso dos suportes de lareira ali recolhidos, discutindo-se a funcionalidade destas peças de carácter doméstico face à atribuição, ainda em voga, de corresponderem a artefactos ideotécnicos (CARDOSO & FERREIRA, 1990), a que se seguiu estudo sobre as cerâmicas com decorações por impressões unguiformes (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1993), as quais acompanhavam as produções campaniformes, como se verifica tanto em outras estações campaniformes do território português (VALERA, 2000), como em numerosas ocorrências extra-peninsulares.

A descoberta de um alfinete de ouro de secção circular e com cabeça achatada, de formato cónico (Fig. 3, n.º 2) produziu desencontradas atribuições, desde a sua conotação com o Calcolítico (PEREA, 1991, p. 25; HARRISON, 1977, p. 136), até aos que o consideraram compatível com a Idade do Bronze, seja o Bronze Antigo (ARBRUSTER & PARREIRA, 1993, p. 152), seja o Bronze Final (CARDOSO, 1999-2000, p. 389). É provável que os autores que consideraram tal objecto do Bronze Antigo, se estivessem na verdade a referir aos derradeiros momentos campaniformes da ocupação da estação, que devem ser atribuídos ao final do Calcolítico. Tratar-se-á, pois, apenas de uma questão terminológica. Contudo, atendendo à respectiva tipologia, designadamente a sua secção circular, ausente em produções metálicas calcolíticas, bem como o remate da cabeça, em forma de botão cónico achatado, idêntica à dos remates das braceletes ou pulseiras do Bronze Final, é a esta época que tal produção aurífera poderá mais seguramente ser reportada (CARDOSO, 2010-2011b).

O. da Veiga Ferreira não cita este artefacto entre os inventariados na sua tese de doutoramento, “La Culture du Vase Campaniforme au Portugal” (FERREIRA, 1966), embora registe a presença de uma conta bicónica de ouro, recolhida na mesma estrutura, a Casa 2 (Fig. 3, n.º 3); tal omissão sugere que considerava o alfi-

nete da Idade do Bronze, ao contrário da conta aurífera, que se integraria no Calcolítico. Com efeito, esta hipótese tem cabimento, já que, no povoado fortificado calcolítico do Zambujal se recolheu uma conta semelhante, cuja cronologia calcolítica se afigura segura (JIMÉNEZ GÓMEZ, 1995, Fig. 10.8). Tal conclusão viu-se recentemente reforçada ao ter sido recolhida, no hipogeu escavado na rocha do Convento do Carmo (Leiria), uma terceira conta aurífera, associada às tumulações campaniformes ali efectuadas (informação pessoal do Prof. António Faustino Carvalho, responsável pela intervenção).

Ao contrário, o único alfinete aurífero recolhido em território português comparável ao da Penha Verde, provém de Areia, Mealhada, e apresenta-se desprovido de contexto (ARMBRUSTER & PARREIRA, 1993, p. 152, 153), pelo que nenhuma conclusão válida se pode dele extrair.

Deste modo, permanece indeterminada a cronologia atribuível ao raríssimo alfinete de ouro da Penha Verde, embora, pelas suas características, seja uma peça condizente com as produções do Bronze Final como atrás se referiu.

A referida época encontra-se, aliás, representada na Penha Verde por diversos objectos metálicos característicos, exumados nas escavações de 1957 e de 1958, como pesos de bronze de formato tronco-cónico (Fig. 3, n.ºs 5 a 8), em parte já estudados (VILAÇA, 2003), a que se somaram outros exemplares, identificados aquando da revisão geral dos espólios arqueológicos (CARDOSO, 2010-2011b), que, a par de algumas produções cerâmicas, configuram uma ocupação, essencialmente circunscrita a uma das estruturas habitacionais identificadas, a Casa 2 (Fig. 4), de onde, aliás, provém o alfinete aurífero referido, encontrado no lado direito da entrada (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958, p. 50). Esta presença, com base numa análise de amostra de dente de *Bos taurus* recolhido na área da Muralha, datada por radiocarbono/AMS, foi situada, para um intervalo de confiança de 2 *sigma*, entre 1000 e 820 cal BC, resultado que se afigura plenamente compatível com a tipologia do espólio exumado: Beta-276396 – 2760 ± 40 BP; fazendo uso do programa INTCAL 04 e seguindo A. S. Talma & J. C. Voguel, 1993, *Radiocarbon* 35 (2), p. 317-322, obteve-se intersecção com a curva de calibração em 910 cal BC, e ao intervalo, para dois *sigma* (95% de probabilidade), de 1000 – 820 cal BC, conforme foi acima referido.

Outra evidência desta presença do final da Idade do Bronze consiste na existência de uma barra paralelipédica de bronze (Fig. 3, n.º 1), com cerca de 10% de estanho, conforme análise realizada no âmbito do

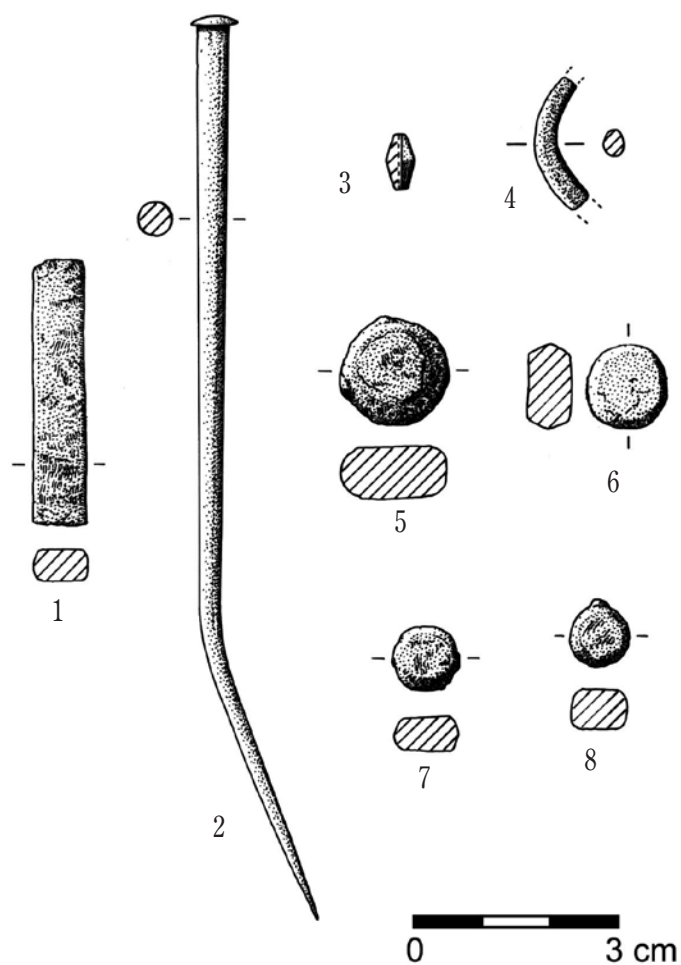
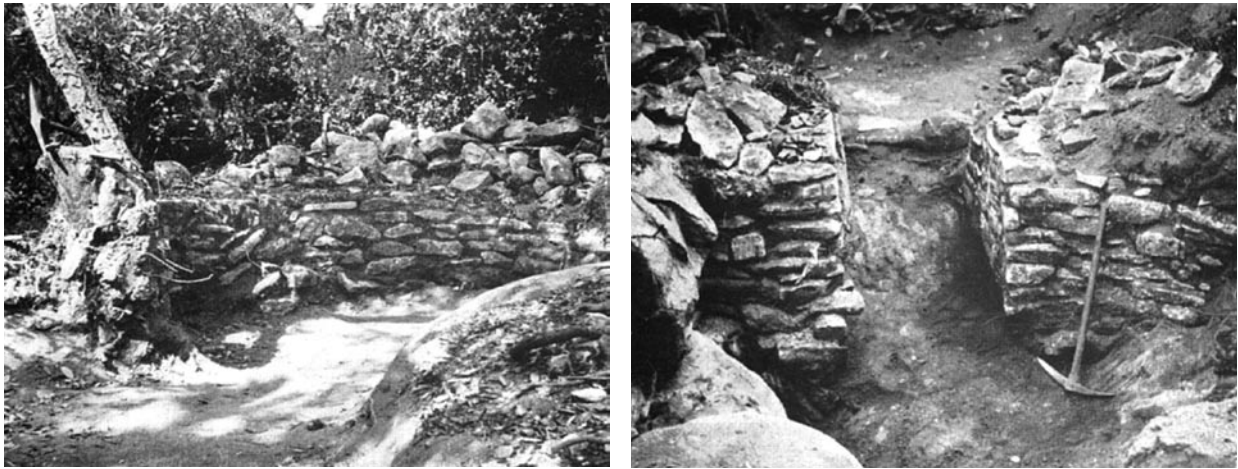


Fig. 3 – Espólios metálicos da Penha Verde, oriundos da Casa 2 ou das suas imediações atribuíveis ao Bronze Final. 1 – pequeno lingote de bronze; 2 – alfinete de ouro; 3 – conta bitroncocónica de ouro; 4 – fragmento de argola de bronze; 5 a 8 – ponderais de bronze (seg. J. L. Cardoso).



**Fig. 4** – Penha Verde. Estruturas habitacionais circulares calcolíticas. À esquerda, a Casa 1; à direita, a Casa 2, reutilizada no Bronze Final (seg. G. Zbyszewski & O. da Veiga Ferreira).

projecto SAM (JUNGHANS *et al.*, 1968, An. n.º 2448). Este objecto terá servido possivelmente como lingote, já que se encontra partido em ambas as extremidades.

Quanto ao conjunto cerâmico recuperado nas explorações aludidas, o seu estudo conduziu à identificação de dois grupos de recipientes, os grandes vasos de armazenamento e as taças carenadas de tamanho médio, possuindo estas as superfícies externas bem alisadas e as paredes muito regulares e finamente adelgaçadas. O conjunto em apreço, representado por escasso número de exemplares, relaciona-se com as actividades domésticas desenvolvidas pela pequena comunidade que, no Bronze Final, e por curto período de tempo, ocupou o local.

Como acima se referiu, os escassos vestígios identificados do Bronze Final aparecem concentrados em torno da Casa 2, de época calcolítica. Esta realidade sugere que, no decurso do Bronze Final, aquela estrutura terá sido reaproveitada, no quadro das actividades domésticas ali desenvolvidas.

Quais seriam tais actividades e o estatuto social dos que as asseguravam?

A presença de espólios metálicos e cerâmicos, acompanhados de restos faunísticos (pelo menos boi doméstico, correspondente ao exemplar datado) pertencentes ao Bronze Final, parece revestir carácter habitacional, mas não no sentido usualmente atribuído ao termo. Com efeito, os restos cerâmicos são demasiado escassos para suportarem a atribuição a um povoado, por pequeno que fosse, sendo esta conclusão sublinhada pela área restrita onde foram recolhidos, a par dos materiais metálicos. Por outro lado, a natureza excepcional de tais peças – de ouro e de bronze – faz crer tratar-se de um local onde, durante um reduzido intervalo de tempo, estanciou um pequeno grupo humano, reaproveitando para tal uma estrutura habitacional calcolítica: a Casa 2 e a sua adjacência imediata, cujo chão se encontrava revestido de lajes.

As actividades a que esses ocupantes do local se entregaram incidiram na manipulação de matérias-primas preciosas ali transaccionadas, conforme indica a presença de pesos de balança, que não custa admitir fosse o ouro, dada a recolha de pelo menos uma das duas peças auríferas de carácter excepcional ali encontradas. Esta possibilidade é reforçada pelo notável colar de ouro encontrado no sopé da serra de Sintra, em zona adjacente a este local, no local designado por Casal de Santo Amaro (PEREIRA, 1896; VASCONCELOS, 1896; CARDOSO, 2004, Fig. 150), relacionado provavelmente com sepultura, com um peso superior a 1,2 kg. A manipulação do ouro poderia ter sido acompanhada da do bronze, dada a existência da atrás mencionada barra de

bronze partida em ambas as extremidades, utilizada como lingote, que era dela obtido à medida das necessidades.

Esta situação tem o seu melhor paralelo no vizinho povoado do Penedo de Lexim (Mafra), onde também se identificou uma ocupação do Bronze Final, destacando-se o achado de três peças de bronze (ponta de lança de alvado, cinzel e argola), depositas sobre lajeado calcolítico, além de três ponderais idênticos aos da Penha Verde, que aguardam estudo de pormenor (SOUSA, 2010), configurando uma presença doméstica mas, tal como a da penha Verde, de características especiais.

O achado de outros conjuntos de ponderais em tudo idênticos aos da Penha Verde, em outros sítios previamente habitados no decurso do Calcolítico, como o castro de Ota (Alenquer) e, sobretudo, Pragança (Cadaval), onde se recolheram, também, importantes

conjuntos metálicos do Bronze Final, faz crer que estejamos perante espaços que foram objecto de uma ocupação selectiva, mercê da sua visibilidade na paisagem. Ali se procederia à manipulação e pesagem de matérias-primas metálicas, por parte de um pequeno grupo humano, configurando uma ocupação talvez sazonal e circunscrita, que corresponderia à actividade económica dominante ali exercida, configurando sítio especializado e não simplesmente um local habitado.

Tendo presentes as alternativas possíveis, e as evidências regionais conhecidas de peças auríferas e bronzíferas, não custa relacionar aquela actividade com a comercialização e redistribuição de tais matérias-primas, em bruto, ou já sob a forma de objectos manufacturados, para o que poderia concorrer a proximidade da ribeira de Colares, que corre no sopé da serra de Sintra, susceptível de facilitar o acesso ao sítio em apreço a partir do litoral oceânico adjacente, no quadro do comércio então já provavelmente realizado, em boa parte, por via marítima.

## 2.2 – Castelo dos Mouros

O castelo dos Mouros ocupa um dos espaços culminantes da serra de Sintra. Dentro e fora da área muralhada, os grandes blocos graníticos de formas arredondadas pela erosão, originam plataformas e pequenos abrigos, aproveitados como espaços habitacionais e sagrados, onde se processaram diversas actividades, especialmente no Bronze Final.

No Verão de 1976, um dos signatários (J. L. C.) participou, conjuntamente com membros do Centro Cultural Roque Gameiro, sediado na Amadora,

na exploração de uma daquelas plataformas (Fig. 5), situadas extramuros, a cerca de 450 m de altitude, em plataforma limitada, muito dissimulada pela vegetação, que domina o vale que se situa a norte e a poente do local. Entre os fragmentos cerâmicos então recolhidos e ulteriormente publicados (CARDOSO, 1999-1998), ocorriam produções de “ornatos brunidos” (Fig. 6). A recolha destes testemunhos foi mais tarde completada por outros, provenientes de diversos locais do interior castelo, em resultado de recolhas ocasionais de



**Fig. 5** – Aspecto da sondagem realizada em 1976 em plataforma do lado poente do castelo dos Mouros, entre grandes penedos graníticos (seg. J. L. Cardoso).

superfície, cuja localização se encontra indicada no referido estudo e que configuram uma notável e intensa presença no decurso do Bronze Final.

Desta forma, o interesse arqueológico do castelo dos Mouros, designadamente no que se refere à presença de assinaláveis vestígios do Bronze Final, era já conhecido aquando do processo de candidatura de Sintra a Património da Humanidade, no âmbito da categoria Paisagem Cultural, concretizada com êxito em Dezembro de 1995, encontrando-se devidamente assinado na obra publicada, correspondente a

súmula do processo de candidatura (RIBEIRO, 1996, p. 247).

Nos últimos anos, e no âmbito da valorização do espaço intramuros, foram várias as áreas interveniadas arqueologicamente, sob direcção de um de nós (M. J. S.) no Castelo dos Mouros; assim, em três locais: zona exterior à muralha do castelo; antigas cavaleriças; e antiga Praça de Armas (Sector 2, 3 e 9), foi possível recolher numerosos fragmentos de cerâmica, filiáveis em contextos do Bronze Final.

Deste modo, pode concluir-se que, seja qual for o local do castelo interessado pelas pesquisas, os vestígios surgem, denunciando a intensa ocupação que, nas cerca de duas a três centenas de anos correspondentes ao final do Bronze Final, ou Bronze Final II, entre o início do século XI e o final do século IX a.C., toda aquela área montanhosa foi intensamente ocupada. Tal realidade não deverá ser dissociada da conotação sagrada atribuída àquela montanha, o “Monte da Lua”, pelo menos desde o Calcolítico, tendo presente o achado de ideofactos de calcário com a representação daquele astro nocturno, em todo o entorno do espaço montanhoso (JALHAY & PAÇO, 1941, Fig. 17; CARDOSO, 2004).

Os trabalhos arqueológicos realizados a partir de 2009 sob a direcção de um de nós (M. J. S.) têm vindo a ser realizados em três zonas distintas do Castelo dos Mouros, indicadas na Fig. 7. Trata-se da zona da necrópole cristã (Sector 2 – exterior da muralha) (Fig. 8) e nas áreas dentro da fortificação, como as antigas cavaleriças (Sector 3) (Fig. 9), que forneceu a larga maioria dos exemplares, e a praça de armas (Sector 9) (Fig. 10), que revelaram estratigrafias bastante perturbadas, devido às sucessivas intervenções e ocupações verificadas no castelo.

Se, por um lado, a própria construção da fortificação, em época medieval, bem como a da Igreja de São Pedro de Canaferrim e respectiva necrópole, afectaram os níveis arqueológicos anteriores, as reformas de que foi alvo o castelo no século XIX, com D. Fernando II, e no século XX, com a DGEMN, vieram acentuar essas perturbações.

Assim, no conjunto dos níveis revolvidos identificaram-se materiais arqueológicos que correspondem a diversos períodos de ocupação, desde o Neolítico à actualidade, sendo agora apresentados pela primeira vez os mais significativos dos contextos identificados do Bronze Final, recolhidos nas campanhas arqueológicas de 2009-2011.

Merece destaque, entre as cerâmicas decoradas, fragmento recolhido na S. 3, lado sul das antigas cavaleriças (ver Fig. 7). Trata-se de notável vaso de colo alto ornamentado por filas de espinhados em relevo, constituindo decoração até agora inédita entre as conhecidas no Bronze Final do território português (Fig. 11). A decoração possui evidentes afinidades com as produções de “ornatos brunidos”, já que, a partir do lado

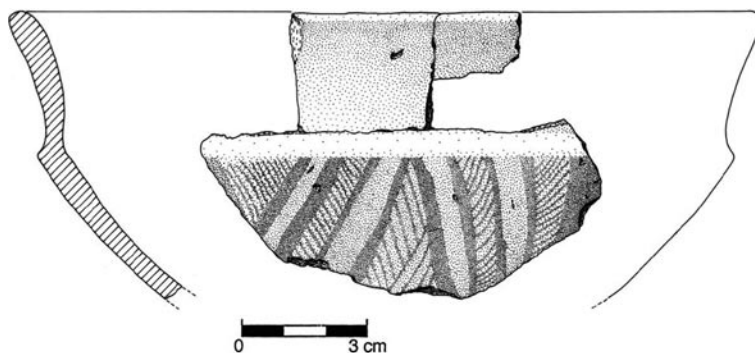
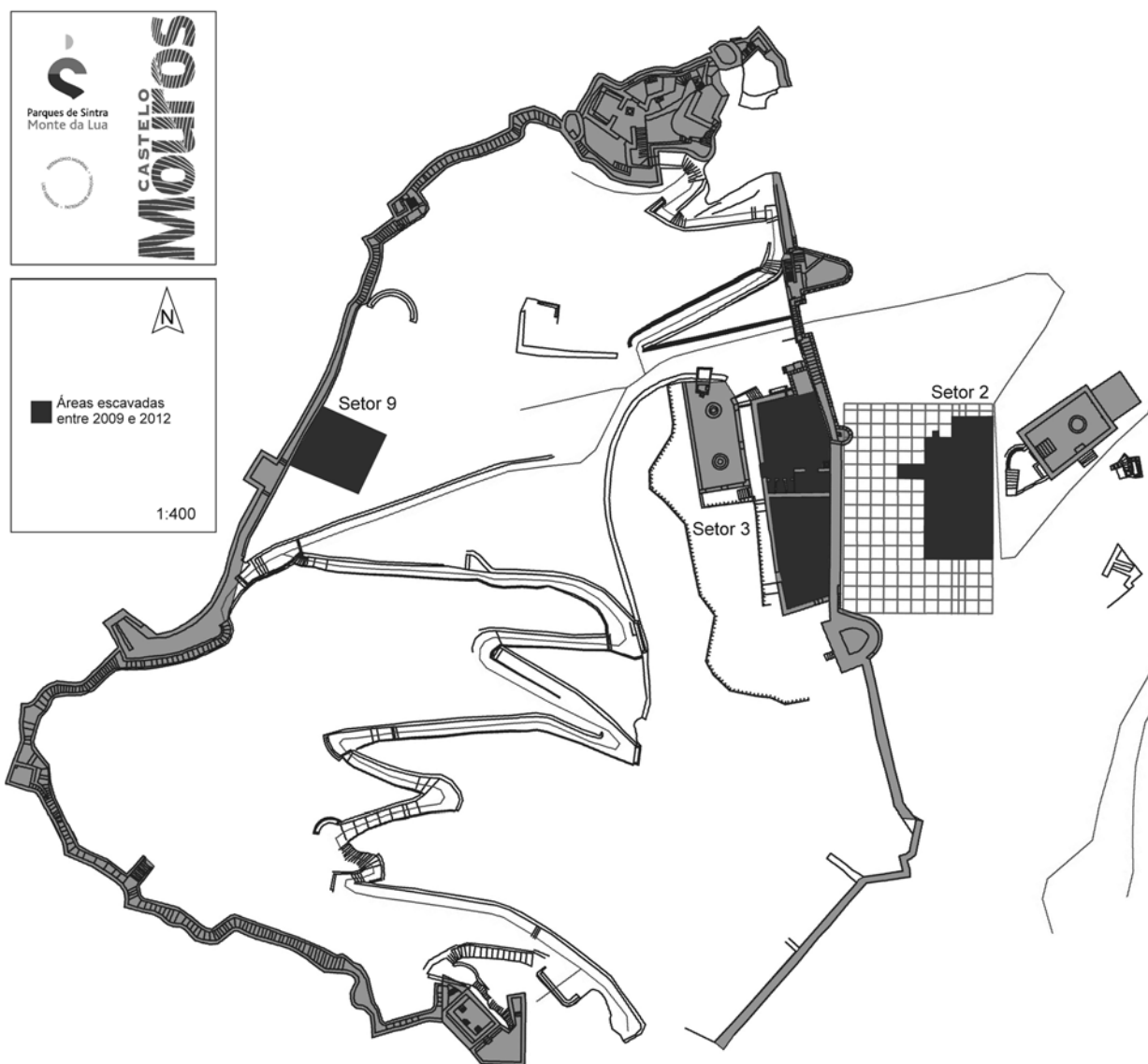


Fig. 6 – Fragmento de taça com “ornatos brunidos” recolhida na sondagem realizada em 1976 no castelo dos Mouros (seg. J. L. Cardoso).





**Fig. 7** – Planta do castelo dos Mouros, com a indicação das sondagens arqueológicas efectuadas desde 2009. Sector 2 – zona exterior do castelo e necrópole; sector 3 – antigas cavalariças; sector 9 – Praça de Armas (seg. M. J. Sousa).

externo da linha dos espinhados em relevo mais próxima do bordo do recipiente, se observam linhas radiantes feitas segundo aquela técnica (Fig. 12 e Fig. 13, n.º 6).

A filiação deste recipiente no Bronze Final é ainda reforçada pela forma, características da pasta e do acabamento. As ocorrências mais semelhantes para esta peculiar técnica e temática decorativas provêm da Cultura do Bronze Valenciano, situável entre 1400 e 1000 a.C., designadamente de Ereta del Castellar (informação amavelmente transmitida pela Doutora Raquel Vilaça, a quem agradecemos).

Ocorrem decorações brunidas em taças (Fig. 13, n.ºs 1 a 3), que também ocorrem em recipientes fechados, de maiores dimensões (Fig. 13, n.ºs 4 e 5).

Uma das taças, completa, ostenta no fundo interno, uma rara decoração de quatro circunferências concêntricas, produzidas por caneluras pouco profundas (Fig. 14; Fig. 15, n.º 3).



**Fig. 8** – Castelo dos Mouros. Vista do Sector 2 – zona exterior do castelo e necrópole (foto de M. J. Sousa).



**Fig. 9** – Castelo dos Mouros. Vista do Sector 3 – antigas cavaliariças (foto de M. J. Sousa).



**Fig. 10** – Castelo dos Mouros. Vista do Sector 9 – Praça de Armas (foto de M. J. Sousa).

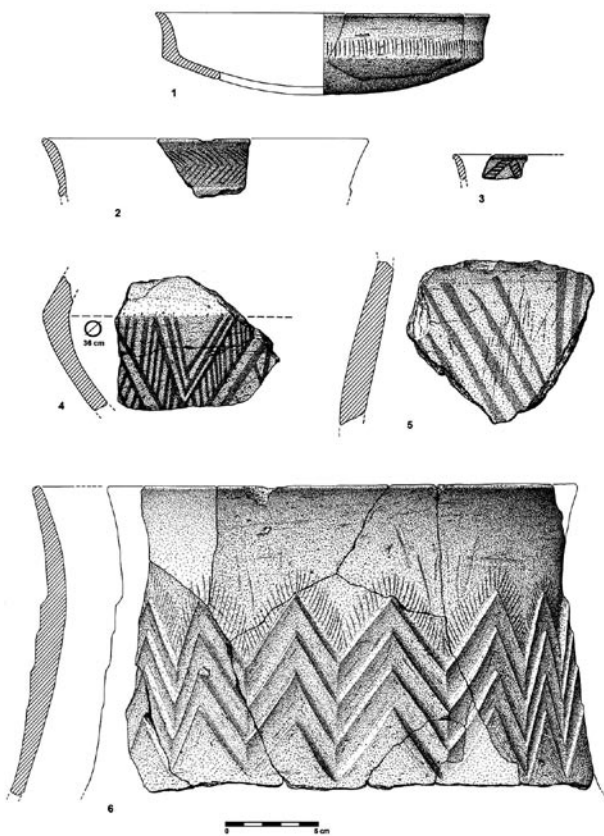


**Fig. 11** – Castelo dos Mouros. Fragmento de vaso de colo alto do Bronze Final com decoração plástica e de “ornatos brunidos” (foto de M. Tissot).

As condições de jazida desta peça, oriunda da S. 9 – Praça de Armas (ver Fig. 7) merecem ser pormenorizadas. A mesma encontrava-se disposta horizontalmente no terreno, partida aproximadamente em duas metades iguais, uma delas colocada no interior da outra (Fig. 16). Torna-se evidente que tal disposição se reveste de evidente intencionalidade e, não correspondendo a qualquer necessidade funcional, deverá reportar-se a prática ritual. O exemplar encontrava-se embalado em depósito homogéneo de saibro granítico com alto teor de matéria orgânica, conferindo-lhe coloração escura, que preenchia os espaços entre grandes blocos graníticos. Apesar de nas imediações próximas se ter registado a presença de materiais e estruturas de época muçulmana, é plausível que uma lareira, em local adjacente ao ocupado por esta peça, aproveitando o espaço definido por diversos blocos graníticos, e cujo interior se encontrava preen-



**Fig. 12** – Castelo dos Mouros. Pormenor da decoração de “ornatos brunidos” do vaso da Fig. 11 (foto de M. Tissot).



**Fig. 13** – Castelo dos Mouros. Materiais cerâmicos do Bronze Final das intervenções arqueológicas realizadas entre 2009 e 2011 (desenhos de Filipe Martins, CEACO/CMO).

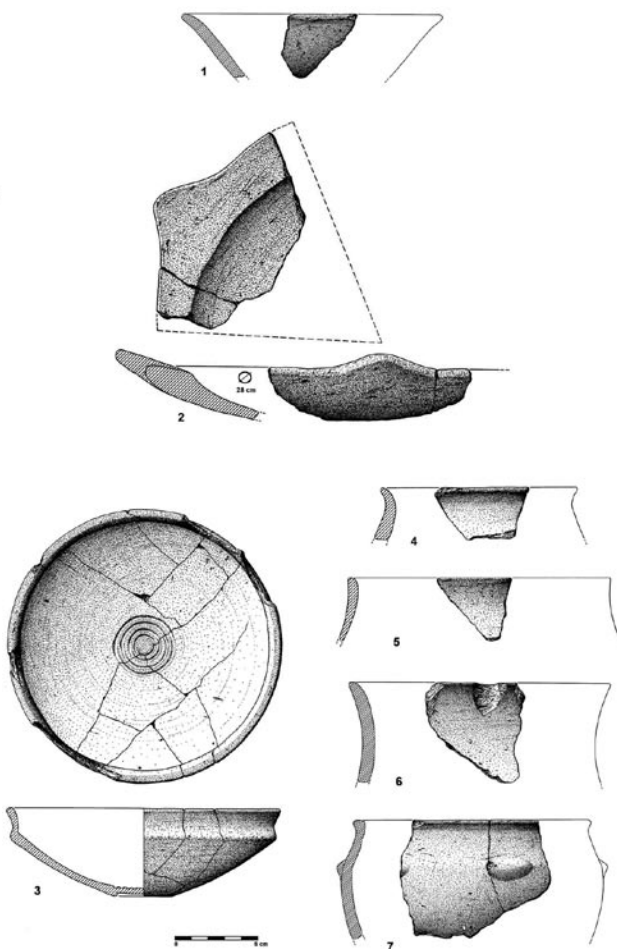
chido por cinzas, possa ser também reportada ao Bronze Final (Fig. 17).

É de sublinhar a presença de uma forma correspondente a prato cujo bordo possui protuberâncias arredondadas, provavelmente para facilitar o manuseio do recipiente (Fig. 18, n.º 2), particularidade que já tinha sido identificada anteriormente em exemplares recolhidos no interior do castelo, no parque das merendas (CARDOSO, 1997-1998, Fig. 8, n.º 4) e que parece corresponder a uma característica local das produções.

Diversos recipientes mais pequenos lisos, fechados ou abertos, por vezes munidos de elementos de preensão ou de suspensão, como algumas das taças carenadas recolhidas (Fig. 18, n.º 3 e 4), possuem estreitos paralelos em muitas outras estações do Bronze Final.



**Fig. 14** – Castelo dos Mouros Taça de carena alta decorada no fundo por quatro circunferências concêntricas produzidas por caneluras pouco profundas (foto Parques de Sintra-Monte da Lua SA).



**Fig. 15** – Castelo dos Mouros. Materiais cerâmicos do Bronze Final das intervenções arqueológicas realizadas entre 2009 e 2011 (desenhos de Filipe Martins, CEACO/CMO).

No conjunto, os exemplares cerâmicos do Bronze Final recolhidos nos últimos trabalhos arqueológicos realizados no castelo dos Mouros, agora publicados de forma preliminar, não destoam dos recolhidos anteriormente em outros sítios daquele vasto espaço murado, evidenciando também estreitas semelhanças com os oriundos da Penha Verde. Trata-se de produções locais ou regionais, como evidenciam os grãos de minerais ferro-magnesianos escuros resultantes do aproveitamento de argilas de alteração de rochas básicas, de tipo filoneano, existentes nas proximidades. Os recipientes apresentam-se de manufatura cuidada, correspondendo a exemplares de pequenas a médias dimensões, de paredes finas e bem desengrossadas, com superfícies alisadas por brunimento, de colorações acinzentadas a escuras, dominando as formas abertas, especialmente as taças de carena alta. Corporizam, no seu conjunto, uma densa ocupação da serra de Sintra nos primórdios do I milénio a.C. A intensa frequentação do sector oriental da serra, explica a existência de ocorrências da mesma época nas suas imediações: para além do célebre colar da Penha Verde, ou do Casal de Santo Amaro, registou-se também uma ponta de seta típica do Bronze Final, de espigão e folha triangular, como provindo da Rua da Padaria, no espaço urbano da vila de Sintra (CARREIRA, 1994, Fig. 11, n.º 4).

### 3 - CONCLUSÃO

Na Penha Verde e no Castelo dos Mouros identificaram-se importantes presenças do final Bronze Final, ou Bronze Final II horizonte cultural, caracterizado pelas produções cerâmicas de “ornatos brunidos”, as quais, sendo reportáveis a um período situável entre 1100 e 800 a.C., se afiguram especialmente evidentes nos sítios de altura, onde se sediariam as elites (CARDOSO, 1996,

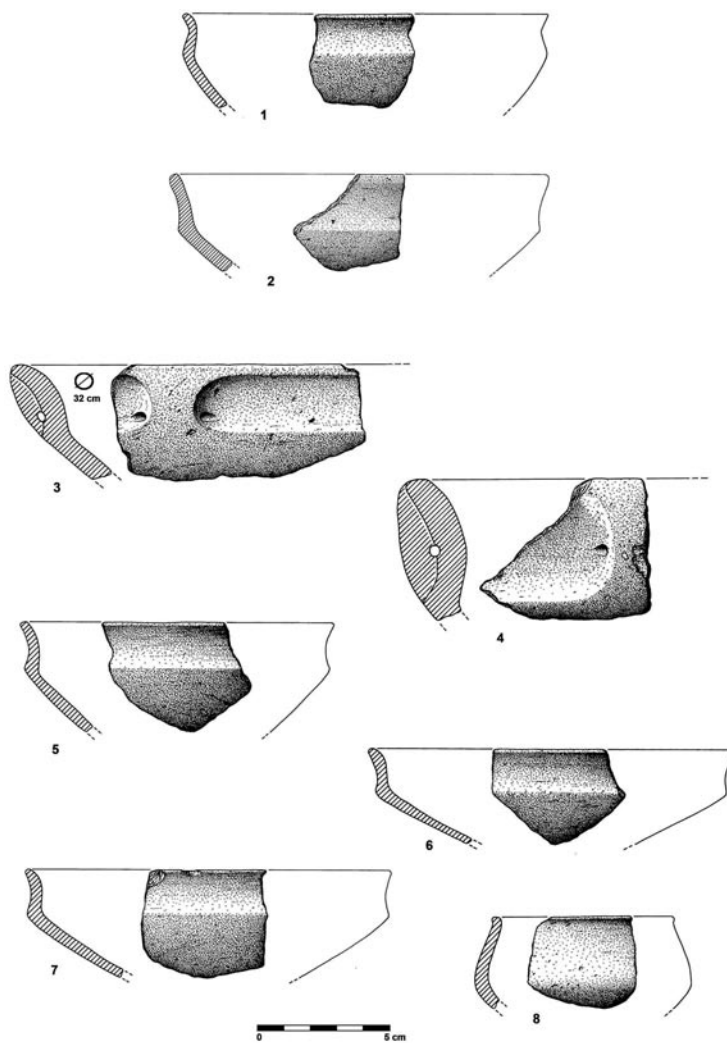


Fig. 16 – Castelo dos Mouros. A taça da Fig. 14 na altura da sua identificação partida em duas metades aproximadamente iguais, uma delas colocada no interior da outra (foto de M. J. Sousa).



Fig. 17 – Castelo dos Mouros. Vista do local onde se recolheu a taça das Figs. 14 e 16, observando-se amontoado de blocos graníticos entre os quais se estruturou uma lareira, definida por círculo de pequenos blocos, com o interior preenchido por cinzas (foto M. J. Sousa).

2004). Tal associação é explicada pelo facto de corresponderem a produções finas e de assinalável requinte, cujo uso, no caso específico da serra de Sintra se encontra também justificado por razões de ordem religiosa, dada a conotação sagrada detida por aquela elevação, desde pelo menos o Calcolítico. Sob este aspecto, deve sublinhar-se a deposição ritual de pelo menos um dos recipientes cerâmicos agora publicados recolhido no castelo dos Mouros, num espaço que, apesar de ter conhecido a existência de uma lareira, poderia não ser de carácter habitacional. Tal ocorrência reforça a natureza sagrada da montanha, no quadro do universo cognitivo das populações ali estabelecidas no decurso do Bronze Final. Os contactos culturais faziam-se então tanto com o Atlântico, como se conclui pelas características do célebre colar da Penha Verde, com evidentes afinidades às jóias nórdicas (“halskragen”) (KALB, 1990-1992), como com o Mediterrâneo, como se deduz das características decorativas de um belo e raro vaso agora publicado, proveniente do castelo dos Mouros, realidade também ilustrada, e de forma muito mais evidente, por outros indicadores arqueológicos bem conhecidos (CARDOSO, 2004).



**Fig. 18** – Castelo dos Mouros. Materiais cerâmicos do Bronze Final das intervenções arqueológicas realizadas entre 2009 e 2011 (desenhos de Filipe Martins, CEACO/CMO).

## REFERÊNCIAS

- ARMBRUSTER, B. & PARREIRA, R. (coord.) (1993) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de ourivesaria*. 1.º vol. – *Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- CARDOSO, J. L. (1996) – O povoamento no Bronze Final e na Idade do Ferro na região de Lisboa. In: *De Ulisses a Viriato, o primeiro milénio a. C. (1996)*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 73-81.
- CARDOSO, J. L. (1997-1998) – O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 169-187.

- CARDOSO, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (*Estudos Arqueológicos de Oeiras* 12).
- CARDOSO, J. L. (2010-2011 a) – O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 467-552.
- CARDOSO, J. L. (2010-2011 b) – A ocupação do Bronze Final do povoado pré-histórico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 579-590.
- CARDOSO, J. L. & FERREIRA, O. V. (1990) – Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 1, p. 5-12.
- CARDOSO, J. L. & FERREIRA, O. V. (1992) – A ocupação epipaleolítica da Penha Verde. *Setúbal Arqueológico*. Setúbal. 9-10, p. 7-16.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R.; FERREIRA, O. V. (1993) – Cerâmicas ungladas do povoado calcolítico da Penha Verde. *Al-Madan*. Almada. Série II (2), p. 35-38.
- CARREIRA, J. R. (1994) – A Pré-História recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 47-144.
- HARRISON, R. J. (1977) – *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. Cambridge, Mass.: Harvard University / Peabody Museum of Archaeology and Ethnology.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. (1941) – A Gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*, Lisboa. 4, p. 107-140.
- JIMÉNEZ GÓMEZ, M. C. (1995) – Zambujal. Los amuletos de las campañas 1964 hasta 1973. *Madridier Beiträge*. Mainz: Verlag Philipp von Zabern. 5, p. 157-236.
- JUNGHANS, S.; SANGMEISTER, E. & SCHRÖDER, M. (1968) – *Kupfer und Bronze in der frühen Metallzeit Europas. Katalog der Analysen Nr. 985-10040*. Berlin: Gebr. Mann Verlag (Römisch-Germanisches Zentralmuseum).
- KALB, P. (1990-1992) – As xorcas de ouro do castro da Senhora da Guia Baiões (concelho de São Pedro do Sul, Portugal). *O Arqueólogo Português*, Lisboa. Série IV (8-10), p. 259-276.
- PEREIRA, G. (1896) – O collar da Penha Verde. *Boletim da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. 7 (5), p. 77-78.
- RIBEIRO, J. C., coord. (1996) – *Sintra Património da Humanidade*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- ROCHE, J. & FERREIRA, O. V. (1975) – La station de Penha Verde (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 59, p. 253-263.
- SOUSA, A. C. F. A. B. (2010) – *O Penedo de Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. 2 vols. Tese de Doutoramento em História, Especialidade em Pré-História. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- VALERA, A. C. (2000) – O fenómeno campaniforme no interior centro de Portugal: o contexto da Fraga da Pena. 3.º *Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 1999)*. Actas. Porto: ADECAP. 4, p. 269-290
- VASCONCELOS, J. L. (1896) – Xorca de ouro. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2, p. 17-24.

- VILAÇA, R. (2003) – Acerca da existência de ponderais em contextos do Bronze Final/Ferro Inicial no território português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV (21), p. 245-288.
- ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. V. (1958) – Estação pré-histórica da Penha verde (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 37-57.
- ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. V. (1959) – Segunda campanha de escavações na Penha Verde (Sintra). *I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Actas. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 1, p. 401-406.